

COLUNA
RELATOS NEGROS

Nayara Melo

Linha e Agulha



Vocês já costuraram manualmente? Penso nas tantas vezes que terminei utilizando uma técnica um pouco peculiar, um pouco de vó. Aquele momento em que a agulha e a linha tanto teimam em não se acertarem, e agulha firme em sua rigidez com seu espaço pequeno, quase impossível, insiste em mostrar o quão difícil é de passar. A linha, não ensinada, maleável, caminhante, insiste em passar, insistir estar e transpassar um desafio que é imposto, mas que nunca foi ensinado.

Essa pequena situação me demonstra a linha da vida, da vida Negra, eu e você tantas vezes linhas que insistem em passar por agulhas sociais que machucam, que furam e que reafirmam um "não lugar", feito se nós enquanto linhas não pudéssemos estar. As tantas vidas negras tiradas pelo estado, pela violência, por desastres, pelo racismo, são linhas que não conseguiram passar.

Só o corpo negro sabe o que é tentar todos os dias. A gente que costura esse país, que sustenta todo bordado das ações que constroem os edifícios, que cuidamos dos meninos mimados que governa a nação, que ri e samba e também traz cultura forte, traço firme rígido que mantêm a linha dura, que mantêm uma linha que consegue passar. Mas passar é difícil.

Permanecer na faculdade, é difícil. Trabalhar sem seus pares, é difícil. Mas a gente tem conseguido passar, nem todo fio consegue, mas a gente tem puxado as linhas, a gente tem trazido cor para o bordado desse país. A nossa costura vai ser de gente viva, o caminho tem que ser feito por gente viva, o bordado tem cor e é preto. Preta é a linha que dói existir e em se costurar com o tecido. Ou você acha que permanecer dentro do tecido não traz dor?

Enquanto se borda, só se ver o emaranhado de fios. Só se vê as linhas que são cortadas que caem no chão, se veem os fios que emaranhados com outros e que vão ficando no tecido, fazendo bordado, permanecendo. A gente sabe bordar, faz mais de 500 anos que a gente borda um país que não quer ser bordado por nós, é a gente que puxa as linhas dessa nação. A nossa linha é firme, é emaranhado de fios. Mas a gente não vai deixar de costurar, a gente não vai deixar de ficar firme.

Como disse Conceição, “a gente combinamos de não morrer”. E nesse combinado que vamos seguir costurando um país, um dia a gente também vai ser agulha, a gente também vai passar a gente vai costurar sem dor, a gente vai passar vivo, o bordado tem a nossa cara e a nossa cor, só falta a gente se reconhecer, deixar de olhar por trás do bordado desse país cheio de fios cortados. A linha preta já enrolou nossa vida desde o começo, com os fios inteiros e os fios cortados, os fios que tem nome de todas as crianças mortas por “bala perdida”.

Hoje, um Brasil do avesso, bordado mal feito, costurado de escravidão. A gente busca virar esse bordado desde sempre, a gente busca virar esse bordado e deixar de olhar pelo avesso, deixar de ver que tem fio cortado porque a gente quer ver a costura viva, de gente viva, de linha que passou na agulha e se orgulhar do que a gente construiu. A nossa linha vai passar e a gente que vai continuar, a gente que puxa o fio, sempre puxamos por nós mesmos, para que a gente caminhe por nós. Essa linha preta que enrola a nossa vida, uma cor que marca nosso caminho. Nós vamos virar esse bordado para olhar de frente, um dia, a gente vira de vez.



Nayara Melo

"Pernambucana, Mulher Negra cursando Odontologia (UFPE), com fortes tendências para Ciências Humanas e fazendo escapes para a escrita, fotografia e a fé, para não sucumbir na rotina"